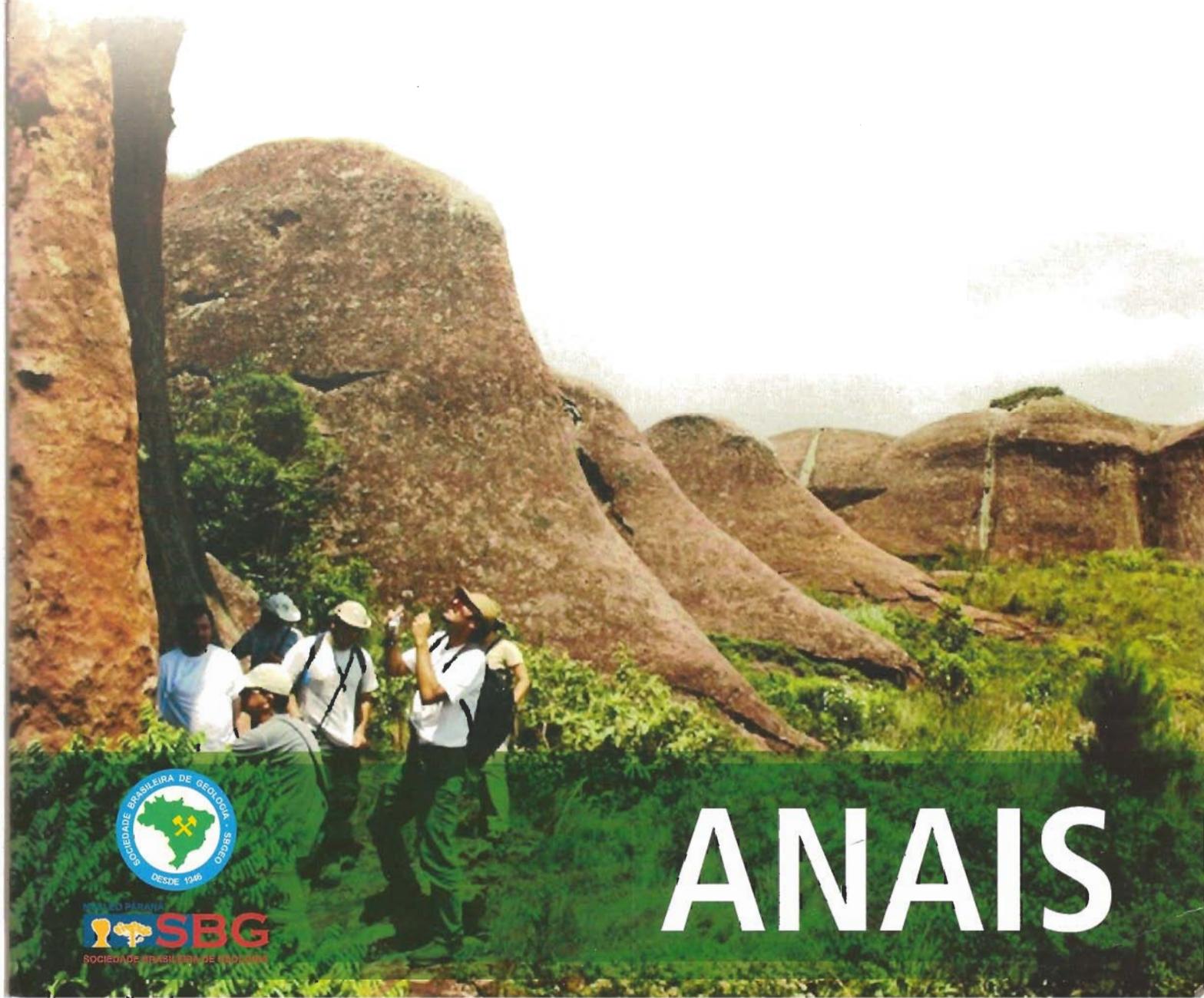




44° CONGRESSO
BRASILEIRO DE GEOLOGIA
O PLANETA TERRA EM NOSSAS MÃOS

26 a 31 de outubro de 2008
Curitiba - PR



A PALEOICNOLOGIA DA FORMAÇÃO BOTUCATU (BACIA DO PARANÁ) NO ESTADO DE SÃO PAULO: ASPECTOS PALEOAMBIENTAIS

Marcelo Adorna Fernandes (1); Ismar de Souza Carvalho (2).

(1) UFSCAR; (2) UFRJ.

Resumo: Na divisão do Mesozóico para o Estado de São Paulo distingue-se o Grupo São Bento com as formações Pirambóia, Botucatu e Serra Geral. A Formação Botucatu acha-se em grande parte entremeada com os basaltos da Formação Serra Geral, e sua idade se estende do Jurássico Superior ao Cretáceo Inferior (Neocomiano). A Formação Botucatu representa os diversos subambientes de um grande deserto climático de aridez crescente, cuja existência se prolongou até a ocasião do vulcanismo basáltico. O empilhamento de grandes dunas, em vasta área, constituindo ergs foi a característica dominante desse deserto. Os arenitos do topo da Formação Botucatu ocorrem na região de Araraquara, interior de São Paulo, onde se localiza a pedreira São Bento (21°49'03.4"S e 48°04'22.9"W). Esta pedreira apresenta a secção de uma grande duna com 20 m de altura e 100 m de comprimento, exibindo a feição de foreset com mergulho de 29° aproximadamente em direção S-SW. Inúmeros icnofósseis de vertebrados e invertebrados ocorrem nos afloramentos do Arenito Botucatu na região de Araraquara. Tais trilhas sugerem diferentes subambientes preservacionais para o paleodeserto Botucatu. A preservação de estruturas biogênicas em arenitos eólicos está relacionada à condição de coesão dos sedimentos arenosos quando da atividade dos organismos. Devido à umidade das regiões de interduna seria possível a existência de lagoas efêmeras com o estabelecimento temporário da biota, fato que justificaria a grande ocorrência de pegadas preferencialmente direcionadas ao longo do foreset da paleoduna. Em condições de relativa umidade e de rápido soterramento existe maior probabilidade de se preservar as pegadas dos animais. No paleodeserto Botucatu coexistiram mamíferos de pequeno a médio porte, dinossauros Theropoda (carnívoros de pequeno a médio porte), dinossauros Ornithopoda (herbívoros de médio a grande porte), além de artrópodes como besouros e aracnídeos. Essas ocorrências sugerem uma relação paleoecológica bem diversificada, com organismos detritívoros e coprofágicos. Para animais de pequeno porte como mamíferos e artrópodes, as impressões em areia seca seriam suficientes para transferir traços da morfologia dos autopódios, desde que houvesse um contato subsequente por percolação de umidade da subsuperfície, para auxiliar na preservação. Como as impressões em subsuperfície e as undertracks apresentaram melhores preservações da morfologia dos autopódios, isto sugere um estado mais úmido numa camada de areia logo abaixo da superfície, que eventualmente esteja seca. Tal fato pode ser corroborado ao se observar as pistas de artrópodes, cuja massa corporal não seria suficiente para vencer a tensão da areia úmida, tendo sido certamente formadas em superfícies com areia seca. A espessura da camada de areia seca no paleodeserto Botucatu deveria ser variável, em função da temperatura do dia, da migração da água intersticial, da intensidade dos ventos e da estação do ano. Todas os apontamentos corroboram com as observações efetuadas no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, no Estado do Maranhão, cujo ambiente em muito se assemelha ao que deve ter sido o paleodeserto Botucatu, com interdunas úmidas, muitas vezes tomadas por lagos efêmeros.

Palavras-chave: paleoicnologia; formação botucatu; cretáceo.